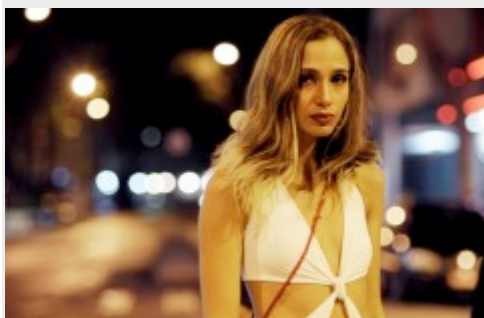


O bom negócio das adaptações de livros



A atriz Camila Pitanga em "Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios", adaptação do livro de Marçal Aquino, também roteirista do filme que entra em circuito nacional nesta sexta

A lógica do "nunca vi esse filme antes" ainda é a que predomina nas adaptações de obras literárias nacionais para as telas. Embora esse filão seja um dos prediletos da atual produção cinematográfica brasileira, colocá-lo em cena tem sido uma empreitada que requer exaustivos ensaios.

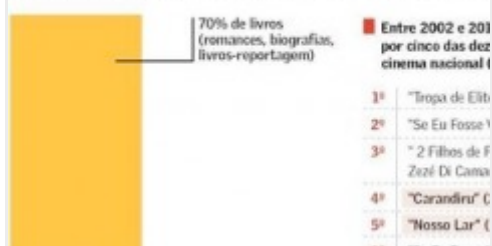
"Cada caso é um caso", define Ana Luiza Beraba, fundadora da Film2b, agência de venda de conteúdo para adaptação para cinema e televisão. "É um mercado muito informal, sigiloso, sem parâmetros de valores", diz. "As agências literárias têm um trabalho muito passivo na área de cinema. Em geral, quando um produtor topa com um título pelo qual se interessa, vai atrás do autor."

Há, contudo, um movimento nos bastidores que pretende redirecionar essa atuação. A começar pela própria Film2b, criada no fim de 2010 com o objetivo de ser uma ponte entre a área editorial e a de produção de filmes. O papel da empresa consiste em prospectar livros com "bom potencial" de adaptação, conversar com seus autores e vendê-los para os produtores.

"Na medida em que o mercado audiovisual se profissionaliza e o volume de contratos aumenta, a busca por bons títulos de autores brasileiros cresce a cada dia", afirma Lucia Riff, dona da agência literária que leva seu sobrenome e cujo catálogo de 1.200 livros e 70 autores atraiu Ana Luiza para uma parceria que ampliasse o rol de opções da Film2b para seus clientes.

Adaptações de autores brasileiros para o cinema

De 2001 a 2010, foram 119 (22%) das 538 produções nacionais



"Hoje, já é comum não mais o pedido específico por um determinado livro, mas o mais genérico: o produtor nos requisita livros para certa faixa de público, para certo gênero de filme", afirma Lucia. Comédias e histórias com apelo mais comercial, lembra Ana, estão em alta.

Um dos clientes da Film2b é Rodrigo Teixeira, da RT Features. O empresário abraçou outro vértice da maturação desse sistema ao montar uma carteira de direitos de livros que quer transformar em filme. "Há uma nova geração de autores que escrevem com linguagem cinematográfica, além dos escritores clássicos cujas histórias podem gerar bons filmes", diz Teixeira. E histórias que já existem, salienta Bruno Wainer, diretor da Downtown Filmes, são um bom caminho andado para um roteiro de sucesso. "A dramaturgia já foi testada", justifica.

Por outro lado, Teixeira foca "os custos altos e a burocracia para produzir no Brasil" como as maiores dificuldades para viabilizar os projetos. Na seara dos incentivos governamentais, o diretor Vicente Amorim, que transpôs para as telas o romance "Corações Sujos", de Fernando Morais - a estreia será em agosto -, diz sentir a falta de "uma política de financiamento de fluxo contínuo". "Há bastante dinheiro disponível, mas os filmes são financiados individualmente. Seria necessário dirigir o financiamento para empresas produtoras, com uma preocupação mais comercial, de carteira."

Outra novela com vários finais possíveis é a da aquisição dos direitos das obras. Rodrigo Teixeira sustenta que comprá-los dos herdeiros de um autor que já morreu costuma ser uma transação mais complicada. Da recente leva de longas inspirados em narrativas literárias, "Xingu" requereu esse tipo de negociação. Mas, segundo seu diretor e roteirista, Cao Hamburger, a saga de "A Marcha para o Oeste", dos irmãos Villas-Bôas, foi apenas o "primeiro contato" com o universo que desbravou nas filmagens.

"Foi preciso realizar uma grande pesquisa adicional para desenhar e aprofundar os personagens e compor histórias que não estão no livro", diz Hamburger. Com relação à família Villas-Bôas, o diretor, que agora adapta "De Repente, nas Profundezas do Bosque", do escritor israelense Amós Oz, conta ter imposto em contrato a condição de "total liberdade" na constituição do roteiro.

"Encontrar um recorte" para a trama, destaca o diretor, foi o grande desafio. "Percebi que filmar uma história baseada em um livro é sempre uma versão, nunca é o livro. É outra obra."

Se lidar com o desapego do autor em relação ao seu texto pode ser um entrave, documentar os termos da autonomia concedida para a roteirização é de fato um recurso. "Tem escritor que fecha o olho. Outros pedem cláusulas no contrato, para aprovar o roteiro e os atores", explica Beraba.

Daniel Galera é um dos escritores que se dizem abertos a releituras. Seu romance "Até o Dia em que o Cão Morreu" virou "Cão sem dono" nas mãos dos diretores Beto Brant e Renato Ciasca. "Recebo dinheiro de um produtor e/ou diretor que reinterpretará minha obra na linguagem cinematográfica", analisa. "Se quiser ser rigorosamente fiel ou não ao livro, é opção dele."

Uma parceria continuada como a do próprio Brant com o escritor e roteirista Marçal Aquino, "Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios" (o sétimo projeto da dupla) entra em cartaz nesta sexta-feira e contribui para a harmonia entre os pontos de vista. "Minha relação de 20 anos com o Beto é, antes de mais nada, de amizade, o que facilita muito o processo de trabalho", conta Aquino. "Quando coloco um texto meu à disposição de um diretor, abro mão de quaisquer veleidades em relação à fidelidade com trama ou personagens."

As formas de pagamento pelos direitos também não seguem uma fórmula única. "Há casos em que se compra a opção, que normalmente corresponde a um adiantamento de 10%", cita Amorim. "O produtor, então, tem exclusividade de um ou dois anos sobre aquele título." Os valores variam de maneira "astronômica", calcula. "Há livros cujos direitos custam R\$ 500 mil e outros pelos quais não se paga nada inicialmente; o acerto é por uma porcentagem da bilheteria."

Os resultados da venda de ingressos para as salas de projeção realmente ecoam no caixa das editoras - e na conta dos escritores. "Quando estreou 'Olga', que foi visto por mais de 4 milhões de espectadores, o livro voltou às listas de mais vendidos, embora já tivesse mais de 20 anos de vida", diz Fernando Morais. "Como eu vivo exclusivamente de direitos autorais, espero que o fenômeno se repita com 'Corações Sujos'."

Atentos a esse efeito, grupos editoriais aproveitam os lançamentos do cinema para reforçar a visibilidade de seus pares de leitura. Ações de promoção são estipuladas em conjunto com produtoras e distribuidoras, como dar ingressos do filme para os compradores do livro.

Os volumes também ganham novos figurinos. "Uma tarja removível, uma mudança do layout da capa ou uma edição econômica cuja capa seja o cartaz do filme", afirma Juliana Vettore, supervisora de comunicação e marketing da Companhia das Letras. A editora prevê a reimpressão de "Corações Sujos" no embalo da adaptação. "O lançamento de 'A Marcha para o Oeste' [os direitos da obra pertenciam a outra editora], antes marcado para janeiro, foi adiado para acontecer junto com o de 'Xingu'", conta Juliana. Para alavancar as vendas de "Eu Receberia as Piores Notícias...", a tática foi baixar seu preço de capa.

O personagem incorporado por Rodrigo Santoro em "Helena", por sua vez, conquistou na editora Zahar uma reedição da biografia do jogador botafoguense, assinada por Marcos Eduardo Neves. "Acreditamos no sucesso do longa", afirma Isabela Santiago, gerente de comunicação e marketing da editora